

## Nota sobre o chaveamento na Copa de 2026

João Sérgio Lauand<sup>1</sup>

Esta é a primeira vez que uma Copa do Mundo de Futebol tem 48 seleções. Anteriormente, entre as Copas de 1998 e 2022, o campeonato era disputado por 32 equipes. Nas primeiras edições da competição, o número de participantes variava entre 13 e 16 times.

Os puristas do futebol não viram com bons olhos esse aumento do número de times. Temiam que os jogos fossem muito fáceis e perdessem interesse. Independentemente dos reais motivos da misteriosa FIFA para essa mudança, parece que foi um acerto. Não há mais jogos sem interesse do que em outras Copas, a imprevisibilidade do futebol faz com que Cabo Verde se classifique para a segunda fase da competição e o Uruguai não, e a festa que fazem muitos países por participar da Copa ou marcar um gol parecem indicar que as alterações são bem-vindas.

O que não fica evidente à primeira vista é que o número de times (48), cria uma questão que não havia com 16 ou 32 participantes. Estes dois números são potências de 2, isto é, se forem divididos por 2, acabarão dando como resultado o número 2. Assim, em uma Copa com 32 participantes, é fácil passar para 16, depois 8, depois 4 e finalmente 2 finalistas. Como fazer o mesmo com 48 participantes, de uma forma justa e equilibrada?

A FIFA encontrou uma fórmula que parece adequada. Dos 12 grupos seguem para as fases seguintes os primeiros (12) e segundos (12) colocados, e também os 8 melhores terceiros, o que dá um total de 32 seleções no início do mata-mata. Como distribuí-los? A solução foi criar 4 núcleos de 8 participantes, sendo 3 primeiros, 3 segundos e 2 terceiros colocados em cada um. Em tese, quem passou em primeiro lugar deve ser favorecido em relação aos outros e quem passou em segundo também com relação aos terceiros. Assim os confrontos iniciais serão:

1º colocado x 2º colocado    X    2º colocado x 2º colocado  
1º colocado x 3º colocado    X    1º colocado x 3º colocado

---

<sup>1</sup> Doutor em Psicologia da Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Dessa forma, os terceiros colocados enfrentam os primeiros, o que não é desejável. Os segundos enfrentam ou um segundo ou um primeiro. E os primeiros têm duas possibilidades: ou enfrentam um segundo e depois, com certeza, outro segundo (o que vai acontecer com o Brasil e a Argentina), ou começam com um terceiro, mas a seguir podem pegar um primeiro (como por exemplo a Alemanha e a França). De cada núcleo desses sairá uma seleção para as semifinais. Parece uma fórmula justa.

O que não é sempre justo é o futebol que tem uma imprevisibilidade intrínseca, onde uma variação de centímetros, a direção para a qual a bola é espirrada ou desviada e tantos outros fatores aleatórios podem ser a diferença entre a glória e o choro.

Recebido para publicação em 28-06-26; aceito em 29-06-26